

O Velho Médico

Cassio Camilo Almeida de Negri



Disponível em: <http://farm4.static.flickr.com/3045/3055846159_2a27968bcf_b.jpg>.

O médico aposentado estava sentado na cadeira da cozinha, os braços apoiados na mesa e, à sua frente, uma caneca de café com leite, que bebericava vagarosamente e na qual amolecia as torradas que comia.

Enquanto mastigava sem pressa, pensamentos borboleteavam na mente do velho doutor.

Lembrou-se de que, no início da carreira, ainda dava toda a atenção ao paciente, conversando bastante,

colhendo informações valiosas para o seu tratamento, palpando-o, tocando-o com as mãos, toque este que parecia fazer parte da cura, como as mãos divinas do Cristo a curar Lázaro.

O tempo foi passando, a tecnologia crescendo, veio a ultrassonografia, a tomografia computadorizada, a era digital, e o paciente foi se transformando em um número:

— É o paciente do leito trinta da pediatria do pavilhão dois — diziam no hospital, não era mais o Joãozinho.

Não que a tecnologia fosse má, pois esta já descobriu muitas doenças quando ainda tratáveis. O problema estava na tecnologia mal usada, que devassou os meandros do corpo e encobriu as belezas da alma.

Lembrou-se também da pressa. Quanta pressa tivera na correria do dia a dia, indo do consultório ao hospital, aos plantões e aos vários empregos. Nem tivera tempo para si e para sua família.

Tinha tanta pressa que o tempo também acelerara. Os filhos cresceram tão rápido, nem pôde levá-los ao primeiro dia de aula, nem à primeira comunhão. Quantas vezes prometera ensiná-los a andar de bicicleta... Tantas que acabaram aprendendo sozinhos. E a casa de bonecas no quintal que nunca construiu?

Vieram os netos, e tudo se repetiu. Cresceram, e ele nem percebeu.

Até o gato, quando vinha se aconchegar, ronronando, ao seu lado, era espantado, pois o doutor não queria pegar toxoplasmose e, muito menos, ser atrapalhado em seus estudos quando estava de “folga” em casa.

Agora, aos seus noventa anos, estava ali, sozinho, pois a esposa já falecera, os filhos e netos há muito haviam voado para fora do ninho e, assim como ele nunca sentira a falta deles, também não sentiam a falta de um velho esculápio tomando café com leite e torradas. Por sua mente vieram versos mal lembrados de Drummond:

*E agora, doutor?
A festa acabou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, doutor?
Doutor, para onde?**

Comeu mais um pedaço de torrada e café com leite.

Agora, sem pressa, tinha todo o tempo do mundo, mas não tinha mais o mundo para preencher o seu tempo.

Pensou que tudo o que aprendera em medicina também não significava mais nada, tudo estava ultrapassado; o novo conhecimento substituíra o antigo.

Empurrou a caneca de café com leite para o lado, colocou a testa sobre os braços cruzados em cima da mesa e assim ficou, até que duas lágrimas rolaram pela sua face.



A vida fora em vão...

Sob a forma de uma borboleta azul, um pensamento, aos poucos, veio se aproximando, titubeante. Mas foi crescendo, até iluminar sua mente como um clarão multicolorido. A borboleta se transformou naquela pacientezinha de quatro anos que há mais de seis décadas não pudera salvar e que, em seus últimos momentos de vida, beijara-lhe a face e derramara algumas lágrimas, tocado pela compaixão.

Sorriu, montou nas asas da borboleta, deixou seu casulo e voou, voou até desaparecer no horizonte da vida.

* Livre adaptação dos versos de *José*, do poeta Carlos Drummond de Andrade.

O Incompreendido

Walter Pinheiro Nogueira



Ele pôs fogo na Terra,
Inverteu tudo que ela era:
Virou-a de cabeça para baixo,
Pelo direito e pelo avesso,
Por todo lado.

Não deixou pedra sobre pedra,
Consertou-lhe o que era errado:
Desfez os “laços” familiares,
Separou irmãos de irmãos,
Pais de filhos.

Em vez de paz, trouxe-lhe a guerra,
O conflito!
Dividiu-a em duas eras.
Era um revolucionário!
Ensinou o homem a rezar,
Ensinou-o a perdoar,

A não se preocupar,
A amar.

Vivia com a multidão
Sem lugar para repousar a cabeça
Ou mesmo alimentação...
Obedecia somente ao Pai!

Os sacerdotes não O suportaram,
Cuspiram Nele,
Bateram Nele,
Zombaram Dele,
Coroaram-No com espinhos
E, sem que nada mais pudessem fazer,
Pregaram-No em uma cruz,
Que carregam, ainda hoje, como adereço, no peito,
Sem terem peito para a carregar!
... Quem, Ele?

O circo

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul



Disponível em: <<http://novo.almanaquebrasil.com.br/wp-content/uploads/2008/12/circosquieirolo.jpg>>.

Circos Quieirolo

“Desocupados invadiram o seu terreno e estão montando um circo” — queixavam-se, incomodados, alguns vizinhos, vindo exigir minhas providências para expulsá-los. Hoje, isso não causaria espanto, mas o caso ocorreu há muitos anos.

Atônito, esperei certo tempo para ir até o local. Constrangeram-me a humildade e penúria daqueles que tentavam dar feição de circo a um modesto cercado de lona. Eles nada apresentavam de vadiíce; eram pessoas pobres, procurando meios de divertir os outros para tentar viver com alguma dignidade.

Houve época, em nosso meio, durante a qual os circos deveram sua relevância ao nome dos seus palhaços mais eminentes. Assim, quando menino, eu ouvira falar dos Irmãos Queirolo, entre eles o Chicharrão, porém, não

guardei pormenores, além do curioso apelido desse último.



Disponível em: <<http://novo.almanaquebrasil.com.br/wp-content/uploads/2008/12/chicharrao-e-pimentaocahuani.jpg>>.

Palhaços Chicharrão e Pimentão

Mais tarde, ainda bem jovem, eu costumava ir, à pé, ver o Piolin e sua trupe, em exhibições na rua do Paraíso,

perto de casa. Em uma daquelas noites (como no cinema!), meu pensamento atravessou o picadeiro para se fixar em uma juvenzinha que já havia me deslumbrado durante um intervalo da sessão dominical do *Cine Paramount...* Todavia, *o seu olhar não me cobriu d'afago, e minha imagem nem sequer guardou* (Casimiro de Abreu). Tempo de poesia!... Em compensação, estamos unidos até hoje!

No Largo da Pólvora, funcionava o circo do palhaço Arrelia. Tinha de recorrer ao bonde para ir até ele. Anos depois, as suas sessões entusiasmavam minhas filhas, em especial. Tempo de pai e de automóvel! Ulteriormente, em um encontro casual com o próprio Arrelia, mesmo sem termos sido apresentados, pude fazer-lhe uma cortesia em nome das nossas meninas. Em outra oportunidade, duas delas, na qualidade de fãs, fizeram-se fotografar com o Fuzarca e o Torresmo (do clã dos Queirolo), embora se aparentassem acanhadas.



Fachada do antigo Cine Paramount, hoje Teatro Abril

Não é incomum a amargura tornar-se a outra face do sucesso. O destino provou que sim. Acabara de ser empossado chefe da Enfermaria Geral do Hospital das Clínicas, quando fui informado sobre o doente do leito 11, que acabava de falecer — chamava-se Abelardo Pinto: o Piolin.

Nunca consegui conhecer de perto algum dos considerados grandes circos. Contudo, quase pude ver uma exibição do Sarrazani, que fazia furor na várzea

do Carmo; o que me complicou foi a falta de recursos para enfrentar o preço do ingresso!



Palhaço Piolin

Paulatinamente, ao longo de todas essas décadas, o circo da minha geração foi tendendo à extinção... De fato, em todo o mundo, devido à escassez de áreas urbanas apropriadas para se instalarem, os circos começaram a se direcionar para áreas menos populosas; suas atividades irremediavelmente foram sendo sufocadas pelo crescimento do cinema e da televisão; ao mesmo tempo, foram surgindo companhias internacionais, de feito circense moderníssimo, auxiliadas por organizações financeiras poderosas e um formidável trabalho de marketing.

Não demorou para chegar a hora de ver meu terreno completamente desocupado. Fui até lá — nem sinal dos meus invasores! Deles procurava abstrair-me, caminhando a passos lentos e fixando as ideias em diferentes assuntos: na incerteza, no futuro indefinido, por ser este melhor ou mais confiável, buscando recuar do momento em que se vive; passear pelo antigamente, supondo que não faltam nenhum dos meus queridos — “todos estão por aqui, por ali...”. Com efeito, a mente tem a primazia de retroceder no tempo, estacionar ou avançar,

Disponível em: <http://www.piratininga.org/cine_paramount/paramount_fachada.jpg>.

Disponível em: <<http://novo.almaaquebrasil.com.br/wp-content/uploads/2008/12/piolin14-copiascp.jpg>>.

formular esperanças, com ternura lembrar aquelas realizadas, usar a serenidade para superar o sofrimento das decepções, e nada mal se recorrer a uma lágrima para ambos os casos! É tão fácil dar asas à imaginação — a qualquer momento, poderemos cortá-las...

Entretanto, tornava a devanear acerca dos “meus invasores” e, otimista, concluí: em uma ocasião hipotética, a sorte lhes sorriria oferecendo nova condição. Eles teriam êxito em prosperar; comporiam famílias treinadas desde criança; haveria palhaços famosos, saltimbancos, ventríloquos, faquires, ilusionistas, contorcionistas, malabaristas, números de trapézio, volantes, balés, monociclos, bicicletas, animais domesticados; e a sua bandinha tocaria “*Barril de Choç*”, de Altamiro Carrilho e Sua Bandinha. Desmanchariam eles as barracas, teriam grande mobilidade — em seu nomadismo, agradariam as populações afastadas dos grandes centros, conquistariam cidades, o país todo. Emprestariam sua história para produção de filmes famosos, concorrentes de “*O Circo*” (Charles Chaplin), “*Irmãos Marx no Circo*” (Edward Buzell), “*Noites de Circo*” (Ingmar Bergman) e “*O Maior Espetáculo da Terra*” (Cecil B. DeMille), este último vencedor do Oscar de 1952.

Enfim, voltariam para São Paulo e, obrigatoriamente, ficariam instalados na Rua do Paraíso!

Outubro de 2008



Palhaço Arrelia

Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_GLI90Mm8Ssg/TQC_-cOjSOI/AAAAAAAAADXg/Z7WvPJV6foI/s1600/a1.jpg>.

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Professor de Medicina e Escritor

Ex-Professor Adjunto do

Departamento de Cardiologia da FMUSP

Ex-Diretor da Divisão de Cardiologia Social do Incor

Mutunque

L.C. Mattosinho França

Mutunque os

A boca muda

Charitatis

Doutor, estou mal

Pele amarela

Barriga inchada

Falta de ar

Pondo sangue

Os dedos ágeis

Percutindo

As mãos fortes

Palpando

Os ouvidos

Auscultando

Os olhos lendo

Exames, chapas

O diagnóstico

Desenganado

Meu irmão

Coragem!

Charitatis

A boca muda

Mutunque os

Analogias em Medicina (n. 28)

Ameixa seca no abdome — O processo de desidratação das frutas para consumo surgiu na Europa, durante o Império Romano. As frutas são submetidas a processo de secagem natural, exposição ao sol ou artificial, por meio de câmara de ar, vapor ou estufas. A ameixa desidratada ou seca é conhecida desde a Antiguidade. Apesar da desidratação, ela não perde suas propriedades nutricionais, sendo rica em fibras, minerais, como potássio, ferro e cálcio, vitaminas A, C, B2 e carboidratos, que permanecem preservados e muito concentrados (segundo o Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas — TECPAR).

Uma anomalia congênita caracterizada por aplasia dos músculos da parede abdominal foi descrita há cerca de 150 anos, por Fröhlich F.: *Der Mangel Der Muskeln, insbesondere der Seitenbauchmuskeln. Thesis, Würzburg, 1839*. Sua publicação é considerada o primeiro relato da síndrome descrita a seguir.

Trata-se de rara malformação congênita, até então de causa desconhecida.

A incidência da síndrome é de aproximadamente 1 (um) em cada 30.000 a 40.000 nascimentos, sendo mais frequente no sexo masculino. Ocorre agenesia e/ou aplasia de uma ou mais camadas da musculatura da parede abdominal, que é substituída por substância homogênea sem fibras musculares, e associação a graves anomalias gênito-urinárias. Estas incluem displasia cística dos rins, dilatação ureteral e hidronefrose. A bexiga mostra-se muito dilatada e com contração deficiente, sendo comum o refluxo vesicoureteral. A próstata, muitas vezes, torna-se hipoplásica. Regra geral, há criptorquidia bilateral. Podem ocorrer ainda distúrbios intestinais, anomalias cardíacas, como defeito do septo atrial e ventricular, e pulmonares, como hipoplasia e pneumotórax, bem como pé varo.

O recém-nascido tem a pele abdominal flácida, pregueada e enrugada, semelhante à superfície de uma ameixa seca. Segundo os especialistas, isso ocorre porque o abdome, embora distendido com líquido no interior do útero, perde tal líquido após o nascimento, provocando o enrugamento pelo excesso de pele. Tal aspecto é reforçado pela aplasia total ou parcial da musculatura abdominal. Esse conjunto motivou a denominação *síndrome do ventre em ameixa seca* (ingl. *prune belly syndrome ou PBS*).

A ameixa é fruto da ameixeira (angiosperma: *Prunus domestica*). Em inglês, *prune* é ameixa seca (*a dried plum*). Esse quadro clínico-patológico é característico, e o diagnóstico pode ser feito *in utero* pelo ultrassom, propiciando, atualmente, tratamento intrauterino.

A descrição do *abdome em ameixa seca* é, às vezes, erroneamente atribuída ao grande médico William Osler. Ele não usou esse termo, porém examinou um paciente com a síndrome, que lhe foi enviado pelo Dr. Fitcher, tendo publicado o caso. Tratava-se de menino de 6 anos que foi internado com “distúrbio gástrico e dificuldade de urinar”, cujo exame revelou que a criança não tinha praticamente músculos abdominais (“Congenital Absence of the Abdominal Muscles, With Distended Urinary Bladder”. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, Baltimore, november, 1901).

Alguns relatos na literatura médica brasileira confundem a expressão “*prune belly*” com nomes próprios, dando a entender que os autores dessa malformação seriam o *Dr. Prune* e o *Dr. Belly*. Uma rápida consulta ao dicionário nos ensina que são apenas simples substantivos e de fácil tradução.

Os pés, quando constantemente úmidos, podem mostrar a pele amolecida e enrugada, adquirindo também o aspecto inconfundível de ameixa seca, que a torna fragilizada e sujeita a fissuras.

Quem sou eu? — A maioria das mulheres refere-se a mim como um simples *caroço*. Ao exame clínico (palpação), sou

comparado, pelo tamanho e contorno circunscrito, a uma *bola de gude*, que desliza sob os dedos do observador, e a um *camundongo*, pela mobilidade. Muitas vezes, sou descoberto ao acaso, pois costumo ser *mudo*, indolor, assintomático. Às vezes, cresço muito, quando me chamam de *gigante*. Prefiro moças mais jovens (terceira década) a balzaquianas. Se puncionado com agulha fina, ofereço uma consistência e resistência de *borracha* (pneu) e, nos esfregaços citológicos, apresento-me com imagens as mais variadas, como *favo de mel*, *chifre de veado*, *taco de golfe*, *dedos de luva*, *trevo* e até com o aspecto inusitado de *sementes de gergelim sobre um pãozinho*, quando espalho as células mioepiteliais sobre as parenquimatosas. A olho nu, lembro uma *esfera* ou *ovo de codorna cozido*, pois minha cor preferida é branco pérola. Ao ser radiografado e quando calcificado, comparo-me a uma *pipoca* ou uma *concha*. Minha vida, sob o comando de hormônios, é um pouco *sanfona*: diminuo na menstruação, aumento na gravidez e murcho em definitivo após a menopausa. Ao exame microscópico, pareço um *sanduíche misto*, com estruturas epiteliais e mesenquimais abraçadas em quantidade variável, configurando *canais*, *fendas* e *vales*. Não ofereço dificuldade ao cirurgião que me extirpa pela lumpectomia, pois me descrevem como *salta-carroço* (em outras palavras, parto natural muito rápido e fácil). Eventualmente, tenho alguns *irmãos*, quando múltiplo e, por vezes, bilateral. Do ponto de vista político-social, sou rotulado de *inofensivo*, não terrorista. Não ofereço perigo. Nunca seria acusado de ruir torres aqui ou alhures. Se processado, ora bolas, os jurados já têm o veredicto na ponta da língua: *inocente*, benigno... (é muitíssimo raro eu esconder um “cancerzinho” no meu miolo). Em Mastologia e na Classificação Internacional de Doenças, meu nome é *fibroadenoma*. Sou muito *popular* na mama feminina.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba, Rubens Sergio Góes e Luiz Fernando Pinheiro Franco

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.